

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

1

NO FIO DA NAVALHA: MODERNIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DA PROFISSÃO DE BARBEIROS

DENISE DANTAS DE ALCÂNTARA¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da dissertação de mestrado defendida e aprovada em 1999 no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Assis/SP.

A pesquisa, realizada no período de 1996 a 1998, investigou os fatores históricos que definiram as transformações da profissão de barbeiro. Aqui, será apresentada a definição das funções exatas dessa profissão, apreciando as mudanças de seus usos, na ocasião da pesquisa.

Com a proposta de fazer uma análise sobre a situação da profissão de barbeiro na cidade de Assis - SP, este trabalho investigou os fatores que levavam esta profissão a uma possível extinção, no que diz respeito à característica que deu origem a sua denominação: a função de cortar e aparar barbas e bigodes.

Cabe aqui, apresentar os motivos que levaram a profissão de barbeiro a se transformar de tal modo que seria eminente sua extinção.

1. DE CIRURGIÃO À CABELEIREIRO

A destreza dos barbeiros com as navalhas lhes rendeu o título de cirurgião-barbeiro, cabendo a eles pequenas cirurgias², extrações de dentes, sangrias. Tal era sua importância profissional na Europa que no século XVI já possuíam regimento próprio dado pelo Senado de Lisboa.

O barbeiro começou a ganhar grande importância à roda do ano 1000, não só pela arte ocupada em tesourar monges, mas em sangrá-los, segundo as regras monacais. Os barbeiros armados em sangradores breve passaram a cirurgiões.³

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Marília e Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis.

² Os cirurgiões acadêmicos apareciam timidamente e a função do médico era apenas a de clinicar, enquanto que aos barbeiros cabia a tarefa da cirurgia.

³ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira Vol. IV. Editorial Enciclopédia Limitada. Lisboa, Rio de Janeiro, sd

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

Em países com França, Inglaterra, Portugal, Espanha e Itália, os barbeiros se organizavam, tinham privilégios e garantias dadas pelo governo. Em 1492, por exemplo, sendo eles considerados pertencentes à arte e reputados como médicos, prestavam juramento e eram submetidos à cônsoles de tal categoria.

A ascensão do barbeiro à cirurgião regulamentado é notada pelo respaldo que recebiam dos governantes que os elevava a uma categoria tão importante como esta, pois eram esses mesmos agraciados que cuidavam de barbear os governantes. Esta regulamentação fez jus à preservação do ofício de cirurgião e só seria atribuído àqueles que adquirissem confiança através do seu manuseio com a navalha.

A arte de manusear a navalha para cortar os pelos das faces alheias é que o torna cirurgião por excelência. O bisturi – instrumento básico para a atividade de cirurgião – pode ser considerado um ‘filho’ da navalha, pois este instrumento é anterior às técnicas cirúrgicas.

Os médicos já existiam, mas os cirurgiões surgem aos poucos. Não bastava ser diplomado em medicina para ser cirurgião, a confiança, por parte dos governantes, era imprescindível.

No livro *A Assustadora História da Medicina*, o autor destaca a importância e a ousadia dos barbeiros. “A história dos cirurgiões é mais encorajadora e mais consecutiva que a dos médicos, porque no começo eles eram um bando de barbeiros que cortava e barbeava com um pouco mais de ousadia.” (GORDON, 1997: 54).

Com tanta proteção e privilégios aos barbeiros, existia uma rivalidade muito grande entre cirurgiões-babeiros e os médicos; em 1503, Luiz VII elevou o posto de barbeiros junto à Universidade de Paris, acrescentando à Faculdade de Medicina as de Divindade, Direito e Artes, onde os barbeiros eram acolhidos. Em considerados cirurgiões os barbeiros detentores da arte de manusear a navalha – instrumento básico para a execução das cirurgias – e foram postos lado a lado aos clínicos que desprezavam todo tipo de cirurgião.

Os barbeiros adquiriram, a partir de então, posição social privilegiada e transformaram-se em negociantes de suma importância nas cidades. Na França, Henrique VIII, convencido por um barbeiro, os concedeu a promoção à cirurgiões em

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

1540 e foi criada a Companhia dos Barbeiros-Cirurgiões Unidos. Esta companhia, que era uma associação fechada, destinava aos profissionais dois criminosos enforcados por ano para a prática de anatomia. Décadas antes, em 1506, os escoceses possuíam semelhante privilégio concedido por James IV, com direito a um enforcado por ano, porém, a eles cabia também o monopólio do uísque em Edimburgo.

Com isso, percebe-se o papel social dos barbeiros que passaram a deter não apenas o título de cirurgiões, mas também a posição privilegiada na economia graças aos benefícios concedidos pelos monarcas.

Após quase 150 anos de convivência entre os chamados ‘cirurgiões acadêmicos de manto comprido’ e os meros ‘cirurgiões-barbeiros’, os primeiros resolveram pedir a separação a Carlos II. George II, em 1745, acata tal pedido e os cirurgiões acadêmicos constroem o Salão dos Cirurgiões e livram-se do emblema anterior – poste com listras vermelhas e brancas dos barbeiros, que significavam o curativo e a sangria – e da desagradável companhia dos sangradores e pseudo cirurgiões.

No Brasil, os cirurgiões barbeiros e aprendizes de boticário foram os médicos que por aqui se fixaram. Vindo das expedições dos donatários das capitanias, juntamente com artífices, soldados, degradados, aventureiros e mais gente trazida pelos aquinhoados de D. João III (SANTOS FILHO, 1980). “Os barbeiros eram, em sua maioria, oriundos da população negra livre ou escrava e mulatos.”(MONTERO, 1985).

Segundo a Revista Brasileira de Folclore são datados de 1770 a 1809, os registros do antigo Senado da Câmara fazem menção ao ofício de barbeiros ou sangradores na Bahia. Após um teste, ou exame, era concedida a licença para sangrar, sarjar, lançar ventosas e sanguessugas em todos os “reinos e senhorios de Portugal”.

Sendo na maioria de origem negra e, portanto, atendendo certa classe social dominante, os barbeiros também tiveram importância no folclore e na cultura popular nacional brasileira. Eles eram cantadores de festas religiosas que caracterizavam a miscigenação e o sincretismo.

As músicas cantadas pelos barbeiros referendam às festas religiosas das Irmandades, não só na Bahia, como Rio de Janeiro e São Paulo. Além de cantar, tocavam instrumentos rudimentares feitos por eles próprios, o que alegrava não só as classes sociais mais baixas,

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

mas também os senhores e Irmandades da comunidade que os apadrinhava. O ritual dos cortejos eram acompanhados por toda a população que cantava os versos por eles criados.

A arte do barbeiro pode ser caracterizada por inúmeras atividades: cantadores, tocadores, manuseadores de instrumentos que salva vida e melhora a aparência das pessoas. A arte de ser barbeiro extrapola as definições convencionais de ofício de tosador de cabelos e barbas os barbeiros artesãos que ora sangram, ora cantam, ora curam, ora representam a fé e a crença.

O ofício ou arte do barbeiro está sempre ameaçado por um ou outro elemento que o exclui de determinada atuação. Cirurgião até que os de fato adquiram apreço e confiança, cantadores até que a cultura popular seja “substituída” ou extinta. Barbeiros até que a modernização os faça excluídos.

Barbear o rosto e cortar os cabelos de outrem. A aparência sempre esteve nas mãos deste profissional, entretanto, nota-se que a “modernidade” pôde ser a responsável pela ameaça à exterminação deste profissional.

Esta profissão pode estar por um fio... no fio da navalha.

2. METODOLOGIA

Buscando analisar os caminhos que levaram – e levam – a tais transformações e adaptações às novas situações, a fala do profissional estabeleceu uma relação entre história e agente histórico.

Neste sentido, os depoimentos recolhidos são a base de uma metodologia que possibilita “uma melhor compreensão da construção das estratégias e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade.” (FERREIRA, 1994: 65).

Isto quer dizer que a partir dos depoimentos orais estabeleceu-se uma relação onde foi possível desvendar a base de transformação da profissão de barbeiro na cidade de Assis.

Apesar de não ter sido possível gravar todos os depoimentos, devido a não permissão de alguns dos entrevistados, algumas entrevistas foram realizadas sem este

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

registro documental. Mesmo assim, as impressões deixadas por estes profissionais puderam ser captadas e inseridas na pesquisa.

Vale salientar que o trabalho com história oral não se restringe às gravações e transcrições daquilo que nos foi dito. Existem reações como o silêncio, os olhares, os gestos, enfim, reações que o gravador não pode registrar.

A proposta da pesquisa não era realizar análises psicológicas no sentido restrito da expressão, mas como propôs Paulo Thompson, muitas vezes compete ao pesquisador aguçar sua sensibilidade para saber se o discurso é direcionado ou não. Diz ele que para se estabelecer um contato com o depoente, o pesquisador deve conhecer as reações humanas e tentar decifra-las para o contexto que propõe estudar (THOMPSON, 1984).

Sendo assim, os depoimentos de Sr. Candota, Sr. Miguel Dias e Sr. Arlindo Silo – que não foram gravados – são abordados com a relevância que lhes cabe.

No que tange à metodologia, foram utilizados os ensinamentos de Maria Isaura Pereira de Queiroz no que se refere ao conceito deste termo:

... a metodologia seria a reflexão sobre o caminho, ou os caminhos seguidos pelo cientista em seu trabalho, nas diversas fases da proposição da pesquisa e de sua realização; em lugar de estar orientada por normas ou por valores ideais, estaria orientada pela própria práxis, pela ação do cientista sobre a realidade. (QUEIROZ, 1983:12)

Quando trabalha-se com história oral, esta “ação do cientista” adotada por Queiroz nos remete a reflexões acerca do direcionamento da pesquisa através do aprofundamento que se estabelece ao manter contato com suas fontes.

A forma material de execução da metodologia é tratada pela autora por intermédio da conceitualização de técnica, onde afirma ser esta a maneira prática de obter os resultados da pesquisa. “Técnica é o procedimento, maneira de agir para se obter um resultado, mas maneira de agir particular, seguida para executar algo: seu sentido é material, é prático.” (QUEIROZ, 1983: 23)

A técnica utilizada como procedimento, “maneira de agir”, foi a de coletar depoimentos dos informantes, ora através de gravações, ora não.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

Primeiramente, houve aplicação da técnica sem a utilização da tecnologia e, posteriormente, quando possível, esta tecnologia foi utilizada através do gravador. Assim, seguindo a conceitualização de Queiroz, a tecnologia é definida como *teoria de uma técnica, ou de um conjunto de técnicas*, resumindo, seria a *sintetização de conhecimentos práticos* para realizar-se uma técnica.

A tecnologia aqui empregada, o gravador, teria por finalidade executar as técnicas de uma pesquisa no que refere-se aprimorar a obtenção prática de resultados. Isto significa um material adicionante à técnica, não meramente substitutivo. Não há como alcançar os resultados de uma pesquisa sem técnicas, porém sem a tecnologia, isto é possível.

Assim como foi dito anteriormente, o fato de nem todas as entrevistas terem sido registradas a partir de material tecnológico, não as exclui das conclusões aqui chegadas. Podemos considerar a mesma técnica com tecnologia, num caso e sem tecnologia, noutro, pois o conjunto sistematizado de conhecimentos práticos, que é a tecnologia, não interfere na técnica propriamente dita, que é a maneira de agir para obter os resultados da pesquisa.

As conjunturas que levam à modificação de técnicas de trabalho e aqueles profissionais que se adaptam a este novo sistema de relações, são o cerne desta pesquisa.

A análise a que este trabalho se propõe tem em vista compreender o sentido histórico e as transformações sofridas pela profissão de barbeiros.

Antes de adentrar em qualquer análise ou discussão será necessária a conceitualização de tal profissão, ou seja, quem é o barbeiro? Qual é o seu campo de atuação profissional?

A definição segundo a qual este profissional seria o homem que tem por profissão *rapar ou aparar barbas e cortar cabelos*⁴ se desfaz com a constatação de que ocorreram modificações nesta profissão e, no final dos anos de 1990, cabia mais ao barbeiro cortar cabelos do que rapar ou aparar barbas.

⁴ Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2ª edição. 1986.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

O termo aqui empregado classifica uma categoria de trabalhadores que tinha por ofício cortar cabelos e barbear seus clientes. Mesmo que esta segunda atividade tenha sido, naquele momento, excluída, ou estivesse em vias de extinção, as lembranças de um trabalho que um dia foi executado, tornou-se instrumento valioso para a conclusão deste trabalho.

O objetivo do trabalho - enquanto perspectiva histórica - foi traçar um panorama onde fosse possível, ‘visualizar’ tal profissão na sua temporalidade histórica. De sua origem⁵ até o momento de execução da pesquisa, é possível perceber as transformações pelas quais passou tal profissão, bem como a imagem e o papel social destes indivíduos dentro da sociedade.

O contato físico direto entre o barbeiro e seus clientes faz com que esta categoria de trabalhadores se distinga e se destaque das demais, pois não há produção enquanto objeto, entretanto o cliente torna-se o objeto, propriamente dito.

A importância da fala do profissional – enquanto agente histórico – é destacada enquanto a visão de mundo daquele que constitui a história e é dela parte constituinte. A partir dessas falas, pôde-se vislumbrar a história de uma profissão que, até então, não havia sido analisada e, com isso, compreendê-la historicamente.

Por não haver bibliografia suficiente para um relato histórico preciso da profissão de barbeiro, este trabalho limitou-se em traçar um breve histórico desta profissão.

3. MEMÓRIA COLETIVA

Trabalhar com memória implica em navegar no universo íntimo de cada indivíduo que relata sobre o coletivo a partir de seu prisma particular.

Se o percurso histórico faz com que estes profissionais sejam readaptados ou excluídos de suas atividades, a memória estabelece a relação entre o que foram e o que serão. Passado e futuro são inter-relacionados pelo presente. Presente este que recupera e avalia o sentido do passado e seu peso para a expectativa sobre o futuro.

⁵ A origem da profissão é incerta, os dados datam do ano 1000, entretanto, a vinda desta profissão ao Brasil é aludida por MONTERO, Paulo. Da doença à desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro, 1985.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

Naquele momento, eles estavam se adaptando às novas tendências de mercado, entretanto o futuro já era incerto. O brilho nos olhos recuperado pelo valor de um tempo longínquo, fez com que houvesse esperança e crença naquilo que se propunha. Olga Matos faz uma análise sobre a história e a memória, esta última como instrumento amenizador da falta de perspectiva futura pela incerteza do presente.

A memória, a lembrança acalenta a dor, o sofrimento e a morte no sentido de redenção. Não se age de forma a recalcar o passado, a fim de arquivá-lo e produzir a apologia acrítica do presente. A história é a crônica da destruição e das coisas corroídas pelo tempo. A história é massacre, a memória é redenção é luta contra a morte, como lembranças e transcendências. (MATOS, 1989:58)

Se os barbeiros estudados estavam prestes a ver sua profissão esquecida e aniquilada no futuro pela falta de mercado, foi através da memória que eles sentiram-se parte integrante de um sistema que tentava excluí-los.

A lembrança foi o mecanismo utilizado para esquecerem-se do “hoje” e não sofrerem com as incertezas do amanhã.

Além da falta de perspectiva de trabalho no futuro, muitos sentiam-se como se tivessem cumprido sua missão de vida. A idade avançada – média de 60 anos – fez com que refletissem sobre a morte. Embora precoce, esta falta de perspectiva existencial foi constatada na medida em que em seus relatos eles afirmaram que seriam os últimos profissionais. Seus antecessores já tinham morrido e não havia a quem passar adiante sua profissão. O fim da profissão estava na sua geração deles próprios, não havia futuro.

Parafrazeando Matos, diria que a história é o massacre, porque é o fato e a memória é a redenção, devido às alegrias subjetivas que traz. As lembranças nem sempre são felizes, a tristeza, conseqüentemente, se apresenta, refere-se à comparação entre o que foram o que são e o que serão. Este estado de melancolia traduzido pela memória elucida o que foi dito sobre o passado como referência ao futuro. Esta referência pode ser, ora alegre – pois tem-se a esperança de recuperar o que foram outrora – ora triste – quando não veem no presente as condições concretas de recuperar o significado do passado.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Recuperar o tempo passado a partir da memória coletiva é, para Le Goff, a fórmula para modificação da sociedade. Segundo ele, é através desta memória que a história tende a ser mudada, pois faz com que os homens não sejam subordinados à história, e sim libertados: “A memória, onde cresce a história, por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 1984: 47)

As lembranças, por mais individuais que sejam estão inseridas num contexto. O barbeiro que a partir de sua memória nos relatou que aprendeu o ofício vendo seu pai trabalhar como barbeiro num sítio na cidade Cândido Motta (Sr. Lino Gibim), recupera suas lembranças individuais, mas as integra no contexto histórico menos particular, o coletivo.

É como se houvessem dois olhares diferentes para a mesma paisagem: a memória individual e a coletiva.

A primeira vislumbra o subjetivo, as representações que não necessitam de palavras intermediárias, pois como um perfume ou um sabor peculiar, não é traduzível; só quem experimentou sabe qual o significado individual estes elementos têm.

A segunda é intensificada pelos fatos ocorridos em comum, as percepções a respeito daquilo vivido. Neste sentido, memória coletiva e história teriam a mesma forma de explicar o presente e projetar o futuro (MONTENEGRO, 1992), pois a partir da recuperação do passado, história e memória têm o mesmo objetivo prático, o de responder as inquietações sobre os acontecimentos atuais e projetar perspectivas futuras.

4. IMAGINÁRIO

O filósofo francês Gaston Bachelard define o conceito de imaginário da seguinte forma: “O vocabulário que corresponde à imaginação não é imagem, mas sim imaginário... imaginação falada, é aquela que, atendo-se à linguagem, forma o tecido temporal da espiritualidade e que, por conseguinte, se liberta da realidade.” (BACHELARD, 1990:1)

Para o autor, libertar-se da realidade significa liberar-se que é concretamente estabelecido a partir de referências existentes. Seria o ponto fundamental da capacidade humana de deformar as imagens fornecidas pela percepção para sua liberação plena enquanto indivíduos.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Se a história é uma memória múltipla (HALBWACHS) e através desta capacidade de multiplicar esta história o homem constrói seu imaginário, as imagens por ele construídas são o ponto principal de análise da memória coletiva.

Este imaginário construído a partir das transformações (deformações) das imagens, compõem o elemento fundamental para a compreensão e constatação daquilo que foi criado através de um referencial subjetivo.

Segundo Montenegro, há um reelaborar dos fatos acontecidos só possíveis partindo-se da memória coletiva: tanto o grupo quanto o indivíduo opera estas transformações. A partir delas constrói-se a realidade histórica referindo-se à memória.

Para a memória coletiva, o fundamento principal é o imaginário, a reação que a realidade dos fatos provoca no sujeito. A reação é mais relevante que o fato em si, pois os sujeitos são os agentes principais desta história. Já a história é o elemento fundante, é a conexão entre a dimensão do fato no momento em que acontece (MONTENEGRO, 1992: 10)

5. CAMINHOS PERCORRIDOS

A partir de informações de moradores da cidade de Assis/SP, cheguei ao marco zero desta pesquisa: o barbeiro mais antigo da cidade, cuja barbearia ficava num ponto central da cidade. Isso ocorreu no ano de 1996.

Desloquei-me até o endereço indicado e não encontrei nenhuma barbearia. Devo confessar que parti do princípio tradicional de barbearia: uma portinha no centro comercial com um senhor idoso, móveis e instalações antigas. Tinha em mente um senhor de cabelos brancos, jaleco branco, toalha sobre os ombros e navalha nas mãos.

Decepcionada em não encontrar nada semelhante por aquelas redondezas, resolvi pedir informações num salão de cabeleireiro unissex; na porta havia a inscrição “ENTRE AR CONDICIONADO”. Dirigi-me até o senhor de cabelos brancos (sem jaleco, sem navalha e sem toalhas nos ombros). O salão contava com equipamentos ‘modernos’: 3 cadeiras, 6 espelhos, estufas, secadores de cabelos, cremes, etc. Perguntei ao senhor que lá estava se ele conhecia um barbeiro daquela região que tinha 40 anos de profissão. Qual não foi minha surpresa quando ele sorri e diz que não

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

conhecia ninguém que trabalhasse há 40 anos, mas que ele trabalhava há 46... Falava neste momento com sr. José Silo, mais conhecido como “seu Silas”.

A partir desta primeira informação formulei a primeira questão: estariam os barbeiros se extinguindo e transformando-se em cabeleireiros unissex?

Este primeiro contato norteou um novo roteiro para a pesquisa: os atuais cabeleireiros seriam fontes preciosas para compor este trabalho. Seu Silas indicou-me outros dois barbeiros que indicaram outros e assim foram definidas as fontes orais desta pesquisa.

Foram entrevistados sete barbeiros: José e Arlindo Silo (irmãos), Mário e Lino Gibim (irmãos), Neofaldo Victor, José Candota e José Miguel Dias (estes dois últimos trabalham no mesmo salão).

Os irmãos Arlindo e José possuem salões mais ‘sofisticados’ que ofereciam serviços masculinos e femininos, os demais são salões exclusivamente masculinos.

A história da cidade de Assis/SP pôde ser reconstruída através das falas destes profissionais, eles contaram como a cidade se modificou geográfica e socialmente; contaram também a relação existente entre eles e seus clientes e qual o papel social que assumiam dentro da cidade. Lembraram-se de como a atividade era no passado, como era no momento e arriscaram o futuro destes profissionais quase extintos concretamente, mas ainda presentes na memória e em seu próprio cotidiano.

Antes de iniciar as entrevistas gravadas para formar o acervo da história destes profissionais, foram feitas visitas informais, onde expliquei as intenções da pesquisa e sanava quaisquer dúvidas a respeito da utilização das gravações. Entretanto, três deles não permitiram a gravação das entrevistas, pois alegaram não ter muito a contribuir com a pesquisa. Respeitando este posicionamento de alguns, as observações foram anotadas a partir de um roteiro que foi estruturado para todas as entrevistas.

As gravações foram feitas na própria barbearia em data e horário definido por eles. Na ocasião, pude acompanhar o cotidiano da barbearia mantendo contato com alguns clientes que estavam sendo atendidos ou que passavam por lá.

O Salão OK, de propriedade de Sr. Arlindo, onde a prática de fazer barbas não existia, contava com uma clientela variada: crianças, jovens, idosos e mulheres. O trabalho era dividido entre os profissionais que ali trabalhavam de acordo com as preferências dos clientes.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

Os clientes mais idosos preferiam ser atendidos pelo proprietário do salão, os mais jovens e as mulheres preferiam os profissionais também mais jovens, que fizeram cursos para acompanhar as tendências da moda. O salão contava ainda, com duas manicures e uma recepcionista.

Três dos seis salões visitados, pais e filhos trabalhavam juntos. No salão de Sr. Arlindo, o espaço era dividido entre seu filho e outros quatro profissionais. O pai ensinou o ofício ao filho e ao irmão, sr. Silas, cujo salão contava com equipamentos semelhantes ao do irmão mais velho, onde dividia espaço com o filho, a quem também ensinou o ofício.

A relação entre pais, filhos e irmãos não existiam apenas nesses dois salões. Sr. Mário Gibim, que trabalhava há 30 anos na profissão e que também não barbeava mais os clientes, ensinou a profissão para seus dois filhos; um deles era seu companheiro de trabalho. Sr. Mário aprendeu o ofício com o irmão mais velho, sr. Lino Gibim que é o filho mais velho do primeiro barbeiro da família Gibim.

Guardados como relíquias que são, sr. Lino tem todo material que seu utilizava para fazer barba, entre eles a primeira navalha, que ainda conservava enrolada em jornal guardadas nos fundos de sua barbearia.

O único barbeiro entrevistado que morava no local de trabalho é sr. Neofaldo, que já havia percorrido muitos bairros da cidade. Trabalhou não só como barbeiro, mas também como padeiro, agricultor e vendedor. O que o diferenciava dos demais barbeiros nos fez refletir sobre as dificuldades de manter-se na profissão. No entanto, ele somou 32 anos de trabalho em barbearias, também aposentado, fez de seu trabalho um adicional ao salário que recebe da Previdência.

Esses barbeiros, então proprietários de seus estabelecimentos, trabalharam para outros barbeiros quando mais jovens. A estabilidade de ser dono do próprio negócio foi muito recente se comparada com os anos de atuação na profissão. Para eles, trabalhar em seu próprio negócio, podia representar uma autonomia desconhecida pela maioria das pessoas, como afirmaram.

A receptividade que tive por parte desses profissionais caracteriza bem a facilidade que eles têm em tratar o público. Sempre muito gentis e cordiais, abriram as

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

portas de seus mundos pessoal e profissional para assim viabilizar a análise aqui proposta.

Sejam readaptadas ou não, as barbearias contam com o espelho como equipamento fundamental. As imagens ali refletidas podem levar para dentro da barbearia a realidade cidadina cotidiana vista por ângulos diferentes, sendo o elo entre os mundos individual e coletivo. As imagens que trago aqui são o reflexo e as reflexões que tive sobre a realidade nesse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as transformações que ocorreram no período que se refere esta pesquisa (de 1996 a 1998) foi possível considerar que a profissão de barbeiros estava desaparecendo.

Os profissionais que se modernizaram, investindo na infraestrutura de seus salões e fazendo cursos de cabeleireiros, deixaram de ser barbeiros, pois perderam as características fundamentais da profissão. Características essas que não se restringem ao feitio da barba de seus clientes, mas o significado de ser barbeiro: um agente social cujas relações de trabalho compõem a construção da história e da memória.

Aqueles que resistiam e permaneciam com as formas de trabalho artesanal priorizaram as relações sociais e a construção do imaginário e memória coletiva, portanto, o fato de não barbearem seus clientes não os descaracterizou. Esses profissionais mantinham, através de suas lembranças e do contato com antigos clientes, as formas tradicionais de convivência entre cliente e barbeiro.

No mercado competitivo não é permitida a existência de profissões cuja rentabilidade seja comprometida pela relação de convivência sem que esta gere rentabilidade ao estabelecimento comercial. Nos salões que se adaptaram às exigências de mercado, cada profissional é responsável por um determinado tipo de serviço: lavar os cabelos, cortá-los, secá-los, tingi-los, são atividades desempenhadas por profissionais diferenciados que executam seu trabalho de forma eficiente (rápida) para satisfazer tanto o cliente, cada vez mais apressado, quanto o proprietário do salão.

Esta pesquisa teve seu início há 20 anos e sua conclusão, apresentada em 1999, pode ser revista, já que a dinâmica social e histórica nos proporciona esta possibilidade. Entretanto, mesmo que o mercado tenha absorvido ou criado os “novos barbeiros”, esta pesquisa

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

viabilizou o debate sobre a relação entre a memória e a história a partir de uma profissão artesanal.

Os babadores que participaram desta pesquisa puderam ser classificados como “modernos” ou “resistentes” dependendo de sua atuação profissional naquele momento. Porém, todos eles um dia utilizaram o instrumento primordial para a realização do trabalho que os caracterizou: a navalha.

A utilização da navalha adaptada, com lâminas descartáveis, descaracteriza o trabalho dos barbeiros, pois o manuseio e a manutenção do instrumento eram diferentes, pois demandava muito tempo até que a afiação chegasse ao ponto certo.

A barbearia foi mais do que um ponto comercial, foi um espaço espontâneo de encontros, ponto de informações e indicações. Fazer a barba foi mais do que cuidar da aparência, o barbeiro era um agente social de referência cujas opiniões e indicações eram de extrema importância para o convívio social.

Outros tempos, outros profissionais, outras histórias, outras pessoas, outras memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. O ar e os Sonhos. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CHAUI, Marilena. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FAUSTO, Boris. O Triunfo Secreto do Zé Barbeiro, In: Folha de São Paulo Caderno Mais, 23 de fevereiro de 1987.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA. Vol. IV. Editora Limitada, Lisboa/ Rio de Janeiro, sd.

GORDON, Richard. A Assustadora História da Medicina. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. História e Memória, Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

MATOS, Olgária. Os Arcanos do inteiramente outro – a Escola de Frankfurt. A Melancolia e a Revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MONTERO, Paula. Da Doença à Desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

15

MORAES, Marieta. História Oral. Rio de Janeiro: Diadorim/ FINEP, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1984.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE nº 17, ano VII, janeiro/abril 1967, Ministério da Cultura da Defesa do folclore Brasileiro.

SANTOS FILHO, I. Pequena História da Medicina no Brasil. Rio de Janeiro, Cortez, 1979.

SOUZA, Gilda de Mello e . O Espírito das Roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.